

turmas onde ocorreu uma “aula normal”. Este estudo usou uma amostra de mais de 1.000 alunos de diferentes etnias, demografias e até com alunos com necessidades educativas especiais (NEE), em cujas aulas de conteúdos curriculares iguais, a única variável em estudo foi o uso ou não de projeção 3D. Como afirma Masamoto (2011: n.p.), presidente da JTM Concepts (empresa que elaborou o estudo), *“o 3D tem um efeito transformador. A primeira simulação, foi desenvolvida para o estudo do ouvido interno numa aula de ciências do ensino básico, e tivemos três professores a lecionar esses conteúdos, em sessões combinadas com turmas até 60 alunos sentados num auditório. O primeiro comentário dos professores foi que não havia problemas de indisciplina - o que os surpreendeu. E o segundo foi que todos os alunos foram aprovados no exame – situação sem precedentes”* (Texas Instruments, 2010: n.p.).

O mesmo estudo revela também que os conteúdos que por vezes demoram duas a três aulas a ser lecionados e entendidos pelos alunos,



**Figura 4:** Um aula com projeção 3D (adaptado de JTM Concepts, 2011: 15).

com a ajuda da projeção 3D (figura 4) demoram apenas uma aula. Este teste, aplicado em várias escolas e mesmo em escolas onde os resultados escolares eram pouco satisfatórios, permitiu um aumento de 23% de pontuação, relativamente ao grupo controle que não recebeu a lição em 3D (American Optometric Association, 2011: n.p.).

As melhorias das classificações dos testes de avaliação de conhecimentos, na ordem dos 29% a 35%, tornam este estudo pioneiro, com resultados científicos bastante significativos, numa “amostra” tão alargada.

Perante estes estudos irrefutáveis, a que ninguém pode ficar alheio, começam a ser dados alguns passos para a criação de conteúdos 3D um pouco por todo o mundo. Algumas editoras portuguesas de manuais escolares (Areal Editores, Porto Editora, e outras) estão neste